

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Pito e carapuças

• Numa de suas muitas falas de ontem sobre o segundo ano do Real, o presidente Fernando Henrique reconheceu que um paradoxo marca seu Governo: o êxito na condução da economia, em lugar de lhe garantir uma boa situação política, tem resultado na falta de apoio do Congresso às reformas. E passou um pito nos tucanos infiéis que votam contra as reformas, jogando uma carapuça para os demais partidos.

Uma solução seria propor também reformas políticas, incluindo fidelidade partidária.

O presidente admitiu que o Real pode passar mais um ano sem as reformas, mas a um custo bem mais elevado. Maioria ele disse nem saber exatamente o que é; não escondeu que anseia por libertar-se do quorum de 3/5 dos votos e confessou também não saber quem dá mais trabalho: a oposição ou os fisiológicos. Mas o aspecto político mais interessante de suas falas de ontem foi a queixa contra o PSDB.

— No meu partido há três ou quatro, ou um pouquinho mais, que votam contra. Por mim, eles já teriam saído do partido. Quem não tem convicção, não tem coragem de defender as teses do Governo e quer adular, é populista, e eu não tenho o menor respeito. Mas eu não sou dono do PSDB — disse textualmente.

O presidente do partido, senador Teotônio Vilela, que estava em Maceió, ficou supreso com a declaração de Fernando Henrique. Não discordou, mas também não tocou fogo.

— O ideal seria um índice zero de dissidência. Eu trabalho por isso, mas é preciso lembrar que o PSDB tem um dos

índices mais baixos de infidelidade — disse, meio desconcertado.

O presidente agiu como o pai que, para dar exemplo ao vizinho que não corrige os filhos, castiga com rigor o seu, embora ele até seja mais bonzinho. Todo mundo sabe que o PFL é muito fiel quando a proposta confere com seu programa. Seu índice de infidelidade foi alto nas votações da Previdência e, nem que o presidente peça, os pefelistas admitem apoiar a CPMF. O PMDB e os outros partidos não ficam atrás. Por isso, muitos tucanos devem chegar de cara amarrada hoje a Brasília.

Dar pito no PSDB e jogar carapuças nos outros partidos é um bom desabafo, mas não resolve nada. A cultura política que permite a cada parlamentar negociar livremente seu voto é alimentada pela não exigência de um mínimo de fidelidade partidária. Numa conversa recente, o presidente admitiu que, se até o fim do ano o Congresso não se mexer para fazer as reformas políticas, ele as proporá. A modernização não se fará apenas no plano econômico. Ele bem poderia começar propondo a volta da fidelidade partidária.